YES NO

A B C D E F G H I J K L M

N O P Q R S T U V W X Y Z

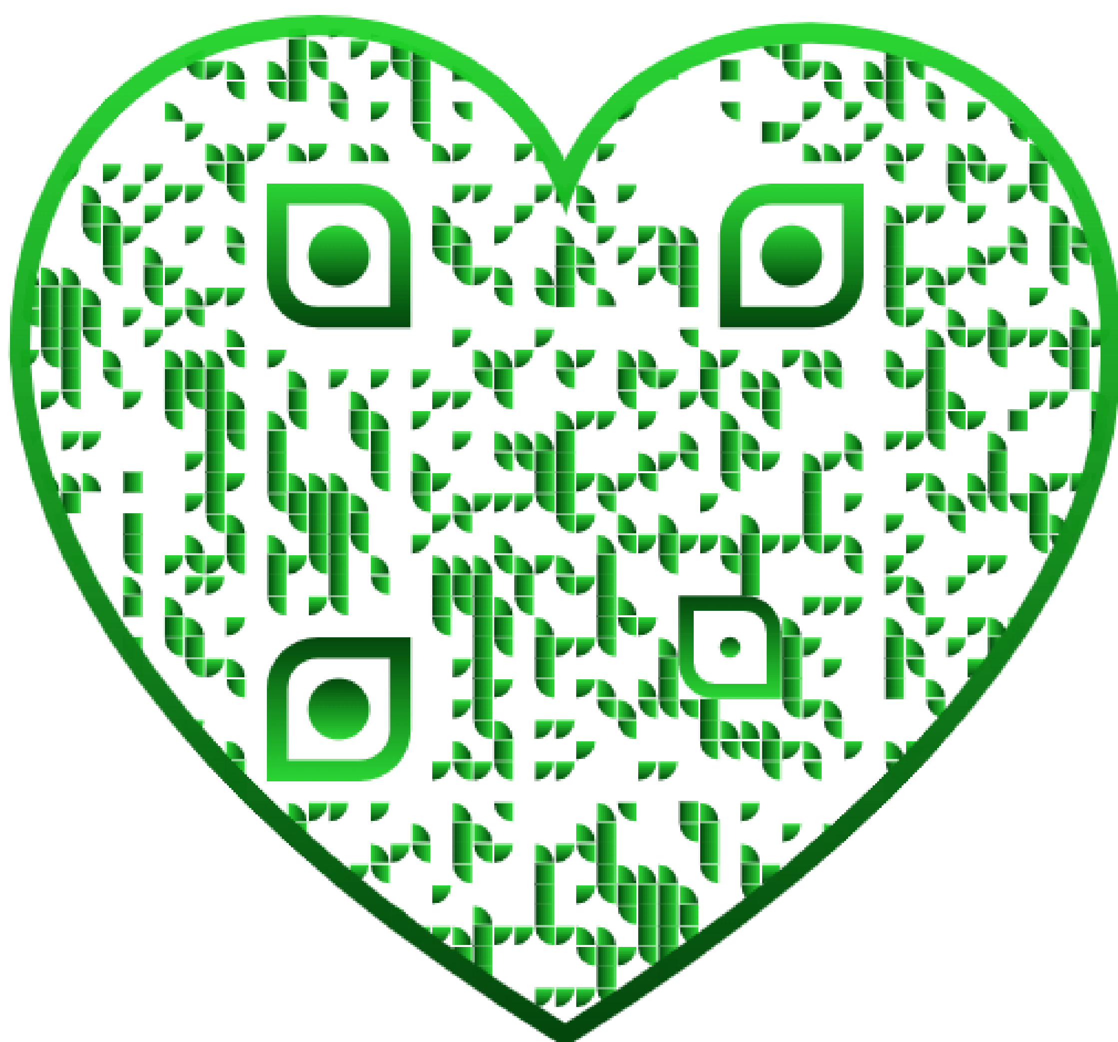
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

GOODBYE

MÁRCIO PACHECO

NÃO BRINQUE COM ESPÍRITOS

NO YES




YES NO
ABCDEFGHIJKLM
NOPQRSTUVWXYZ
1234567890
GOODBYE
MÁRCIO PACHECO
NÃO BRINQUE
COM ESPÍRITOS

Copyright ©2018 by Márcio Cardoso Pacheco

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Capa: **IGOR PAIVA**
Diagramação: **MÁRCIO PACHECO**
Revisão: **MÁRCIO PACHECO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PACHECO/Márcio Cardoso

Não Brinque com Espíritos / Márcio Cardoso Pacheco — Gravataí, RS: 2018.

1.Literatura Brasileira. 2. Conto I. Título

CDD:869.93.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Márcio Cardoso Pacheco

Não Brinque com Espíritos

Jimmy
31/10/1985 - 21:32

— Não mudou nada... — pensou alto enquanto avaliava sua cidade natal.

Doze anos haviam se passado desde que estivera ali. Jimmy deixou a cidade em função dos estudos, mas na verdade sabia que na época só queria fugir daquele lugar. As casas bem distribuídas, com seus gramados bem aparados, exibiam as mais diversas luzes e cores espalhadas pelos telhados,

colunas, janelas, calçadas e árvores.

— Doces ou travessuras? — perguntaram-lhe dois meninos em uníssono esticando suas sacolas de papel.

Um deles vestia uma fantasia de caveira enquanto o outro usava capa e uma abóbora na cabeça. Jimmy sorriu, levou a mão ao bolso e retirou algumas guloseimas que havia separado sabiamente antes de sair da casa de seus pais. Os meninos ficaram felizes com os doces recebidos, fechando as sacolas que estavam quase transbordando. Jimmy seguiu pela calçada com as mãos nos bolsos, contemplando a tranquilidade que a pacata cidade lhe oferecia.

Na rua, muitas pessoas circulavam com suas fantasias alusivas à data. Múmias, bruxas, vampiros, fantasmas e caveiras vagavam alegremente de casa em casa, fazendo a pergunta que mais se utilizava no halloween.

— Doces ou travessuras? — perguntou-lhe uma bruxinha acompanhada de seu irmão com o rosto todo negro da maquiagem.

Jimmy entregou algumas balas aos dois. Seu bolso já estava quase vazio e logo teria que suportar algumas travessuras. Enquanto caminhava pela calçada ele observou, admirado, a decoração das casas. Em uma delas várias abóboras com olhares assustadores foram colocadas nos degraus da escada. Outra tinha as paredes brancas, destacando os morcegos pendurados de cabeça para baixo. Uma terceira apresentava uma aranha gigante posicionada sobre a teia em meio a duas grandes árvores.

E assim ele seguiu, observando a decoração das casas e das pessoas, enquanto se dirigia para a que talvez fosse a casa mais assustadora da pequena cidade de Meridiana. Contornou algumas quadras e foi abordado mais duas vezes por crianças pedindo doces. Na segunda já estava com os bolsos vazios e teve que fugir para não ser acertado por uma bexiga d’água.

Crianças..., pensou.

Jimmy estava distraído quando se deparou com a antiga casa do Comptons. Ela já era suficientemente assustadora na sua infância, mas o tempo e a noite de halloween pareceram lhe conferir uma nova atmosfera, muito mais macabra e ameaçadora. A velha casa de madeira era constituída de dois andares, além do porão. Era elevada em relação à rua e a grande escadaria conduzia até a varanda onde havia uma porta de entrada, imensa, de duas folhas. A maioria dos vidros das janelas ainda estava no lugar, apenas alguns haviam se partido. Ao lado das escadas, pequenas árvores ressecadas e

sem folhas erguiam-se para dar um acabamento àquela construção bizarra.

Chegou até o portão e segurou o passo, hesitante. Talvez se não fosse à terapia, as lembranças e o trauma o haviam derrubado. Mas ele sabia que mais cedo ou mais tarde teria que encarar suas angustias e receios.

— Jimmy? — veio a pergunta da varanda.

Ele ergueu os olhos e sentiu uma falta de ar momentânea. Kirsty vinha correndo ao seu encontro, atravessando o caminho de pedras que se estendia do portão até o início das escadas. Ela saltou em seus braços e ele sentiu um calor percorrer todo o seu corpo.

— Você veio! Senti muito sua falta! — disse ela enquanto o abraçava.

Jimmy sentiu seu rosto ruborizar.

— Eu também, Kirsty — respondeu apertando o abraço.

Ela tinha um cheiro doce que rapidamente lhe trouxe as melhores lembranças da infância.

— Ei... É o Jimmy! — veio outra voz da porta.

Ele soltou Kirsty rapidamente, como se estivesse fazendo algo errado, enquanto pensava o quanto havia gostado daquilo. Só aquele abraço já havia compensado seu retorno. Ela saiu de seus braços e puxou sua mão, conduzindo-o para dentro do pátio da casa abandonada. Foram até a varanda, onde Peter os esperava. Logo outros dois amigos de infância apareceram: Thomas e Marjorie.

Jimmy cumprimentou-os com um afetuoso abraço. Não sabia quanta saudade sentia até aquele momento.

— Venha! Vamos entrar! — convidou Peter.

Jimmy passou pela varanda, onde a madeira já estava repleta de fissuras causadas pela ação do tempo. A cada passo uma tábua rangia, cedendo aos passos dos visitantes.

— Esse lugar continua sinistro! — ele constatou olhando para Kirsty. Ela apenas sorriu para ele, aparentemente feliz com o seu retorno.

Cruzando a porta, Jimmy percebeu que a casa também havia sido preparada para o halloween. Dezenas de velas estavam espalhadas sobre os móveis já consumidos pelos cupins. A porta de entrada levava a um corredor que dava na sala principal, onde uma lareira já queimava alguns pedaços de lenha. Perto dela, três sofás contornavam uma mesa de centro de madeira com seus belos entalhes. Jimmy pensou que o lugar poderia ser aconchegante se não fosse assustador.

— Ainda não tem luz? — perguntou aos outros, constatando que a única iluminação presente era originada pelas velas e pelo fogo da lareira.

— Vasculhamos tudo, mas não tem — disse Peter. — Até trocamos as lâmpadas, mas elas não acenderam. O painel de energia está todo ferrado.

— Quer beber algo? — ofereceu Thomas.

Jimmy hesitou por um momento por não saber as opções.

— Temos apenas cerveja — respondeu Marjorie em seu auxílio.

— Ah... Claro! — respondeu Jimmy.

— Eu quero uma também! — pediu Peter.

— Outra pra mim... — disse Marjorie.

— Folgados... — protestou Thomas. — Você também Kirsty?

— Não, obrigada. Não estou com sede — respondeu ela.

Thomas saiu para buscar a cerveja enquanto os outros se acomodavam nos sofás em torno da lareira. Jimmy estava impressionado. Passeava seu olhar pelo interior da casa pensando que apesar dos doze anos que ficou fora da cidade, não havia se esquecido de nenhum detalhe.

— Não mudou nada — disse olhando para o forro já desgastado.

— Nada mudou muito por aqui, Jimmy — disse Kirsty sorrindo.

— Achávamos que você não viria... — confessou Marjorie.

Jimmy sorriu meio sem graça como resposta. Não queria compartilhar com eles a dificuldade que foi deixar a cidade e os amigos que tanto gostava.

— Quem mais vem essa noite?

— Você era o último que faltava — respondeu Peter.

Thomas chegou com as cervejas e entregou uma para cada um deles. A quarta garrafa já estava pela metade e ele seguiu bebendo enquanto sentava-se no sofá ao lado de Jimmy.

— Mas não somos apenas nós... — explicou Marjorie.

— Mike e Brenda estão pela casa — disse Thomas atirado confortavelmente no sofá. — Devem estar dando uns amassos por ai... — sorriu maliciosamente.

— Poupe-nos dessa sua imaginação doentia, meu caro Thomas — veio uma voz do topo da escada.

Então eles avistaram dois pares de pernas descendo lentamente os degraus. À frente vinha Mike, com seu porte físico de atleta, e logo atrás dele, Brenda, com seu corpo esguio e cabelos negros curtos que tocavam os ombros. Nas mãos ele trazia uma pequena caixa de madeira.

— Olha só quem nos dá a honra de sua visita... — disse em forma de deboche abrindo os braços — Parece que você se lembrou do caminho de casa, afinal.

— Olá, Mike... Como vai? — disse Jimmy que já esperava por esse tipo de comentário.

Mike contornou o sofá, atirando-se ao lado de Kirsty com sua caixa misteriosa na mão. Brenda ocupou o lugar ao lado de Peter e Marjorie no sofá maior.

— Estou bem, meu caro — respondeu Mike, passando o braço em volta de Kirsty. — Tive que cuidar de algumas *coisas* que você deixou pra trás quando foi embora — disse com maldade, enquanto piscava e atirava beijos para ela.

— Cala a boca Mike! — rebateu Kirsty empurrando-o pelo peito para afastá-lo.

Mike sorriu e os outros o acompanharam, aparentemente já acostumados com as brincadeiras. Jimmy esboçou um meio sorriso e Kirsty lhe dirigiu um olhar envergonhado. Mike agitou os braços para quebrar o clima e atirou a caixa de madeira sobre a mesa de centro.

— Mas não é pra isso que viemos aqui, não é verdade!? — questionou Mike. — Ao contrário do que o pervertido do Thomas pensa, Brenda e eu estávamos vasculhando a casa e encontramos isso... — apontou para a caixa.

— O que é isso? — indagou Marjorie.

— Ouija — respondeu Brenda.

— E o que é isso? — Peter repetiu a pergunta.

— Um tabuleiro que permite contato com os espíritos! — disse Mike empolgado, esfregando as mãos.

Ele abriu a caixa, revelando um tabuleiro de madeira. Nele havia todo o alfabeto meticulosamente entalhado. Além das letras, constavam todos os números organizados em ordem crescente do um até nove, com o zero logo em seguida. Mais três palavras se destacavam no tabuleiro: *sim*, *não* e *adeus*. Desenhados com o objetivo de decorar a placa de madeira, havia alguns sóis, luas, esqueletos com asas de anjo e duas mãos emergindo das nuvens com olhos no meio das palmas.

— Isso é sinistro... — Marjorie se encolheu.

Peter e Thomas sorriram com a proposta de Mike. Brenda continuou calada com seus olhos negros analisando a todos. Jimmy se ajeitou no sofá.

Não se sentia confortável com a situação. Sentiu mais intensamente o cheiro da madeira misturado com o das chamas e o ar pareceu pesado por um momento.

— Vamos lá! — instigou Mike. — Querem algo melhor para o halloween? Quero saber onde o Sr. Compton guardava seus charutos...

Jimmy não sentia um bom pressentimento sobre aquilo, mas não queria estragar a reunião com seus amigos de infância. Com exceção de Brenda, todos ali haviam participado da sua vida. Todos estavam naquela casa no dia em que tudo aconteceu...

— Jimmy! — Mike o chamou, tirando-o do mundo das lembranças. — Não vai amarelar, não é? Algum problema?

— Eu...

Sentiu um toque macio na sua mão. Girou a cabeça por instinto e viu que outra mão cobria a sua. Acompanhou o braço com o olhar e foi subindo até parar nos olhos de Kirsty, que lhe encarava com ternura.

— Por favor, Jimmy. Vamos aproveitar a noite — disse ela com um sorriso encantador.

— Tudo bem... — Jimmy deu-se por entregue, esperando não estar enganado com o seu mau pressentimento.

— Isso! — comemorou Mike. — É disso que estou falando! E vocês meninas, não vão fugir agora, não é?

Thomas finalizou a cerveja, apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou as mãos. Peter passou as duas mãos nos cabelos como se isso fosse encorajá-lo.

Mike posicionou o tabuleiro no meio da mesa, colocando uma segunda peça, em formato de coração, sobre a placa de madeira.

— Temos que ficar todos em volta do tabuleiro e colocar as duas mãos sobre o indicador — orientou Mike, indicando a segunda peça. — O resto acontece ao natural...

— Você parece bem informado sobre isso, não acha Mike? — perguntou Marjorie.

— Já fiz isso uma vez... — respondeu ele evasivamente.

Então eles foram se organizando em volta da mesa. No sofá maior, Brenda percebeu que não ficaria bem posicionada, então buscou uma cadeira velha na casa e sentou-se de costas para a lareira. Todos esticaram os braços em direção ao indicador, colocando as pontas dos dedos sobre a peça de

madeira.

Jimmy avaliou os rostos à sua volta. Os rapazes estavam animados. Thomas e Peter se olhavam sorrindo como as duas crianças a quem ele havia entregado os doces. Das garotas, Brenda e Kirsty pareciam confiantes. Já Marjorie, assim como ele, estava apreensiva.

— E agora? — perguntou ela com receio.

— Vamos posicionar o indicador na letra “G” — disse Mike.

Deslizaram o indicador até a letra no tabuleiro. Os seis olhavam Mike com atenção. Ele encarou todos de volta, limpou a garganta e começou a falar as palavras pausadamente.

— Aqui estamos nós... Na noite de halloween... Dispostos a conhecer... A verdadeira entidade que habita nessa casa...

Um vento percorreu a casa, fazendo tremer as pequenas chamas das várias velas que os rodeavam. Marjorie se encolheu. Mike prosseguiu.

— Então eu pergunto: há algum espírito aqui conosco esta noite?

Ele fez silêncio e todos se olharam por alguns instantes. Os sete jovens trocavam olhares. Alguns receosos, outros cheios de expectativas. A lâmpada do teto da sala, que até então estava adormecida, começou a piscar em um ritmo crescente. Lentamente o indicador de madeira começou a deslizar pela tábua, atravessando as letras e números até o local onde ficava uma das três palavras.

Sim.

Marjorie soltou um grito abafado ininteligível, Brenda arregalou os olhos, Peter e Thomas se olharam boquiabertos, Mike estava entusiasmado, Kirsty estava muda e Jimmy não conseguiu conter as palavras.

— Que merda é essa, Mike?

Brenda

31/10/1985 - 18:32

— Brenda! Onde você está!? — veio a voz de sua madrasta lá da sala.

Ela foi até o rádio e baixou o volume, mas não respondeu. A porta do quarto se abriu com um solavanco. Em baixo do marco estava Christine, a namorada de seu pai, com uma sacola de compras na mão.

— Se me ouviu, por que não me respondeu, Brenda?

— Você sabia que eu estava aqui — respondeu ela, voltando para a cama e pegando seu livro para continuar a leitura.

— Você não fez nada do que eu pedi! — rebateu Christine.

— Você não manda em mim. Pode sair do meu quarto?

Christine a fulminou com os olhos e os dentes cerrados. Não era segredo que ambas se odiavam.

— Garota insolente! Seu pai vai ficar sabendo disso!

Brenda andou até o rádio e colocou o volume no máximo.

— Pode falar mais alto? — gritou entre os acordes estridentes da guitarra.

— Sua merdinha! — gritou Christine, batendo a porta com força.

Brenda ergueu as duas sobrancelhas e revirou os olhos. Há quase meio ano ela estava vivendo aquele inferno dentro de casa. Não conseguia entender o que seu pai tinha visto naquela mulher. Na verdade ele não passava muito tempo em casa, então desde que ela lavasse as roupas e fizesse a janta, estava tudo certo. Para ele.

Abaixou o volume da música para se concentrar novamente em seu livro. Estava na metade e provavelmente o terminaria durante a noite, já que não tinha planos para o halloween. Deitou-se confortavelmente na cama quando ouviu um barulho na janela, como a bicada de um pássaro no vidro. Virou a cabeça na direção do som e ouviu um segundo estalido.

— O que é isso?

Caminhou até a janela para enxergar através do vidro. Seu coração acelerou. Era Mike! Ela ergueu a folha da janela e esticou metade corpo para fora.

— O que está fazendo aqui? — cochichou para ele.

Mike estava sorridente, como sempre. Brenda sempre o assistia jogar nos torneios do time da faculdade. Ele era o único que a fazia esquecer-se daquele inferno.

— Eu vim ver você! — respondeu ele.

— Se meu pai ver você aqui, ele te mata!

Mike ignorou totalmente o aviso. Aproximou-se da janela, que era uma cabeça mais alta que ele, segurou-se no parapeito e ergueu o corpo, dando um beijo nos lábios dela.

— Foge comigo então?

Brenda sentiu seu rosto esquentar.

— Para onde você quer me levar?

— Tem uma velha casa abandonada que costumávamos ir quando crianças — disse ele. — Vamos reunir a turma toda lá... Ou quase toda. Talvez um dos meus amigos de infância venha da cidade grande para visitar os reles mortais.

— Seus amigos... — Brenda deixou no ar. — Mas eu não conheço ninguém!

— Eles vão gostar de você! — garantiu Mike. — Além disso, me parece que você não tem muitos planos para a noite...

Brenda revirou os olhos.

— Não mesmo! Meu plano era ficar lendo a bíblia enquanto o diabo que meu pai namora espreita a porta do meu quarto.

— Acho que você deve aceitar minha proposta, então!

Mike se apoiou nos braços e lhe deu outro beijo, ainda mais demorado. Era o que faltava para Brenda se convencer do que deveria fazer.

— Espere um pouco... — pediu a ele.

— Não demore! — Mike devolveu.

Brenda foi até o roupeiro e pegou uma blusa curta.

— Que se dane! — bradou em direção à porta.

Girou a chave do quarto, para que Christine não a importunasse durante sua “leitura”, aumentou o volume do rádio e saiu pela janela. Mike a segurou para que ela pudesse descer. Ele sorria satisfeito com a decisão que ela havia tomado.

— Vamos? — perguntou esticando a mão para ela.

— Vamos! — respondeu Brenda, excitada com a fuga.

31/10/1985 - 22:16

— Que merda é essa, Mike? — perguntou o rapaz chamado de Jimmy.

Brenda estava apavorada. Quando acharam o tabuleiro, em um dos quartos da casa, ela não esperava que fosse funcionar. Mike havia solicitado a confirmação de algum espírito na casa e o indicador se dirigiu para a palavra

sim. Todos estavam impressionados com aquilo.

Brenda sentiu o calor da lareira vindo até as suas costas. A luz que piscava freneticamente parou, apagando-se completamente. Mike e seus amigos se olhavam paralisados com o que havia acontecido. O garoto que ela gostava estava extasiado com a situação.

— Eu não fiz nada, Jimmy!

— Você moveu o indicador! — acusou Marjorie.

— Eu não fiz nada! Minhas mãos estão sobre ele, iguais as de vocês — defendeu-se Mike.

— Eu estou fora! — anunciou Jimmy preparando-se pra sair.

— Não! — gritaram quase todos em uma única voz.

O garoto congelou, com os olhos arregalados.

— Você nunca ouviu que não pode sair sem a permissão do espírito? — perguntou Kirsty.

Jimmy pareceu bastante chateado ao saber disso.

— E como se faz isso?

— Temos que saber se ele está aqui de fato e qual o nome — explicou Mike.

Todos se encaravam com os braços esticados até o tabuleiro. Na fogueira a madeira crepitava. As chamas das velas haviam se estabilizado. Mike encarou um a um. Todos acenaram positivamente, mesmo ela e Marjorie, que pareciam as mais apreensivas. Mike então analisou o teto, como se tentasse enxergar o espírito.

— Se você realmente está entre nós, peço que dê uma prova de sua presença! — solicitou ele, elevando a voz.

O vento se intensificou, apagando algumas das velas que os cercavam. Todos olharam ao redor, apavorado. O indicador não se moveu, mas no andar de cima uma das janelas começou a bater violentamente, até quebrar o vidro.

Eles levaram um susto, encolhendo-se instintivamente. As garotas gritaram apavoradas. Peter chegou a tirar os dedos do tabuleiro, mas recolocou logo em seguida. Brenda estava aterrorizada. Não queria passar por nada daquilo. Pensou que acompanhando Mike ela poderia ficar algumas horas longe da madrasta.

— Mike! Você está nos assustando! — disse Marjorie com indignação.

— Mas que merda, Marjorie! Estou aqui, não estou?

As velhas madeiras da casa começaram a ranger, cedendo sob o que pareciam ser passos no segundo andar. Eles ficaram em silêncio, acompanhando o som que se deslocava em direção ao topo da escada. O barulho subitamente cessou. Os sete amigos se olharam com receio. Brenda sentiu um arrepio e suas mãos estavam frias como mármore. Onde essa brincadeira poderia parar?

— Me desculpe, Mike. Não estou preparada para isso — anunciou tirando os dedos do indicador.

— Brenda...

Mike tentou argumentar, mas não foi rápido o suficiente. A moça esguia tentou se levantar da cadeira para deixar o círculo, quando ouviu um estalido. A madeira sob ela, estável até então, se partiu. E o chão a engoliu.

Peter

31/10/1985 – 10:16

Peter repousava em um banco, abaixo da sombra de uma árvore do parque, enquanto fazia seu intervalo. Estava trabalhando na banca de revistas do velho Stan Mulingan. Chamava-o carinhosamente de Stan Lee devido a sua paixão pelos quadrinhos. O salário não era algo de se orgulhar, mas seria o suficiente para comprar o carro que tanto queria. Faltava pouco, bem pouco. Com ele talvez conseguisse impressionar a garota de quem tanto gostava.

— E lá vem ela... — pensou alto.

Marjorie caminhava com uma delicadeza quase felina, como se seus passos não ofendessem o solo. Cabelo ruivo, sardas no rosto e olhos verdes. Pacote completo. Ela o viu e sorriu. Sempre que fazia isso Peter sentia-se o cara mais idiota do mundo, simplesmente por não saber como retribuir o gesto. Sorriu de volta, meio sem graça.

— Oi, Peter!

— Como está, ruiva?

— Com trabalhos atrasados, para variar.

— Vai à biblioteca?

— E tem local melhor para se estar nesta linda manhã de sol?

— Você estuda demais! — disse Peter em sinal de protesto.

— E você estuda de menos — ela rebateu. — Vai acabar como o senhor Stan, mergulhado em quadrinhos.

Peter enrubesceu, pois não queria transparecer inferioridade.

— É temporário! Logo saio daqui. Dessa cidade talvez...

— Se for embora, pode me levar junto — brincou Marjorie, piscando. — Gosto dessa cidade tanto quanto você...

Peter não esperava a resposta. Sentiu suas orelhas esquentando e um embrulho no estômago. Sorriu involuntariamente da forma mais idiota que poderia e se odiou por isso. Marjorie sentou ao seu lado no banco.

— Certo estava o Jimmy quando saiu da cidade — refletiu Peter, desviando o olhar da jovem e sardenta ruiva.

— Ah, mas com o Jimmy foi diferente, você sabe...

— Sim... — confirmou Peter com pesar. — Não sei se eu conseguiria ficar aqui...

— Mas falando nisso... Me conta! Quais os planos para a noite de halloween?

— Ainda não pensei em nada — pensou Peter enquanto coçava o queixo. — Talvez tomar uma cerveja aqui no parque. Ver as crianças pedindo doces... Sei lá!

— Já que não sabe, você vem comigo! — disse Marjorie animada. — Vamos à antiga casa dos Comptons!

Peter ficou surpreso com o *convite.*

— Vamos?

— Sim — ela confirmou. — Kirsty, Mike, Você e Eu. Parece que o Jimmy volta hoje e queremos nos reunir para relembrar os velhos tempos.

— Justo naquela casa? — Peter estava receoso.

— O que passou, passou, Peter. Todos nós temos que seguir em frente!

Peter olhou no relógio. Já estava na hora de retornar aos seus quadrinhos e ao velho Stan. Ele não queria rejeitar o convite dela, pois seria a melhor oportunidade de estarem juntos. Talvez conseguisse um tempo a sós com Marjorie em algum dos quartos. Quem sabe até poderia rolar um beijo...

— Peter! — chamou Marjorie estalando os dedos na frente de seu rosto. — Está aqui?

Ele nem percebeu que havia se deixado levar pelos pensamentos.

— Tudo bem. Estou dentro!

Marjorie sorriu com o canto da boca em sinal de satisfação.

— Que horas chego lá e o que preciso levar?

— Na minha casa às 18:00 — disse Marjorie. — Pode levar a cerveja que você tomaria aqui no parque, sem propósito.

— Fechado — confirmou Peter.

— Te espero na minha casa — disse ela, encerrando o assunto.

Marjorie se levantou do banco, ajeitou o seu vestido, se despediu dele e caminhou com seus passos sedutores até a biblioteca, do outro lado do parque. Peter ficou acompanhando a garota e seu rebolado, fantasiando os passeios que dariam com seu carro, até ser resgatado de seus devaneios pelo velho Stan que protestava da porta da banca.

31/10/1985 – 22:21

— Brenda! Brenda! — todos gritavam olhando na direção do buraco que havia se formado no chão da velha casa.

O grupo de amigos estava assustado e ofegante. Brenda não fazia qualquer som. O ambiente era demasiadamente escuro para que conseguissem enxergar pela abertura na madeira.

— Essa casa tem porão, não tem? — perguntou Jimmy a quem pudesse responder.

— Tem sim — respondeu Marjorie. — Pelo menos tinha.

A fogueira seguia queimando a lenha, que lançava os sons do crepitar da madeira entre uma frase e outra.

— Temos que ajudá-la! — disse Jimmy.

— Você está louco? — questionou Thomas. — Não viu o que acabou de acontecer?

— Ela pode ter quebrado uma perna, ou batido a cabeça!

O vento voltou a soprar, tremeluzindo as chamas das velas e aumentando brevemente o fogo da lareira. Eles acompanharam as alterações com o olhar e voltaram a atenção para o tabuleiro.

— Jimmy... Por tudo o que é mais sagrado... Não tire a mão desse

tabuleiro... — pediu Kirsty.

— Vou pedir que o espírito nos libere para irmos até Brenda — anunciou Mike com seriedade.

Houve um consenso e o rapaz fechou os olhos.

— Espírito que vaga pela casa, nós não lhe desejamos mal. Pedimos que diga seu nome, para sabermos com quem estamos falando — fez uma pausa. — Por favor, revele seu nome!

Como de costume houve uma espera carregada de tensão. Então, sob a fraca luminosidade das chamas das velas, o indicador começou a deslizar pelo tabuleiro. Ia de letra por letra até formar nome. O grupo leu a palavra em voz alta.

— A-S-H-L-E-Y...

— Ashley!? — disse Jimmy, paralisado em estado de choque.

Na cozinha, um vidro se estilhaçou. Seguido do outro de uma janela próxima. Todos se encolheram diante do ruído estridente. Peter já havia ficado assustado o suficiente com Brenda. Não queria morrer ali. Ergueu os pés, passou por cima do sofá e correu em direção à porta.

— Peter! — gritou Thomas. — Não seja idiota!

Ao passar correndo ao lado da primeira janela, o vidro explodiu, projetando vários cacos logo atrás de si. Havia mais duas até a porta que o libertaria daquele pesadelo. Peter conseguiu escapar da projeção de cacos da segunda janela, porém a terceira foi no tempo certo. Estilhaços do vidro enterraram-se por todo seu corpo. Peter sentiu uma dor aguda quando viu o sangue sair pelos cortes espalhados por seu corpo.

— Peter! — disse Thomas, incrédulo.

Peter teve tempo de se virar cambaleando na direção dos seus amigos, dirigir um olhar vago e desabar morto no chão de madeira.

Thomas
31/10/1985 – 14:47

O parque estava movimentado naquela tarde. Algumas mães passeavam tranquilamente com seus filhos, nos caminhos feitos de saibro entre as árvores, ouvindo o canto dos pássaros e vendo a ação dos ventos nas

folhas verdes. A maioria do público era jovem. Crianças corriam atrás de uma bola no grande espaço do gramado e alguns adolescentes participavam de uma roda de musica com violões e baldes servindo como percussão. A vida em Meridiana era boa para quem não exigia grandes emoções.

Conforme ele foi se aproximando da banca de revistas do velho Stan Lee, pode ver o seu melhor amigo, Peter, organizando algumas revistas na prateleira do lado de fora. Quando ele o avistou, abriu um grande sorriso.

— E aí, cara!

Esticou a mão e ambos fizeram o seu comprimento característico, fechando as mãos e dando um pequeno soco com ambos os punhos fechados.

— O que tem de bom aí? — perguntou Thomas.

— Saca só essa nova edição que chegou!

Peter ergueu a revista e Thomas a segurou. Era uma edição de *Super Aventuras Marvel: X-men contra Magneto*. Na capa um homem de roupa azul e amarela atirava um raio laser pelos olhos na direção de outro homem, que usava capacete, vestido de vermelho e roxo, e se defendia em uma espécie de campo de força. No chão, uma mulher de cabelos brancos socorria outra que estava desmaiada ou provavelmente morta.

— Esse Stan Lee deve ser muito chapado! Um cara que solta laser pelos olhos? De onde ele tira essas coisas?

— Você só pode estar brincando! — protestou Peter. — Não conhece o Ciclope? — apontou para o homem de azul.

Thomas agitou levemente a cabeça em sinal de negação.

— Você tá por fora, meu chapa. Essa aqui é a Tempestade — Peter indicou a mulher de cabelos brancos.

Thomas lhe encarou com seriedade.

— Você tá ficando esquisito, Peter...

— Vai por mim, Thomas — disse Peter segurando a revista. — Isso aqui ainda vai virar um filme.

— É sério Peter, a doença do velho Stan tá passando pra você.

Peter guardou a revista, confiante de que estava certo. Thomas era cético com a afirmação. Afinal quem no mundo pagaria para assistir um homem soltando laser pelos olhos? Laser pelos olhos! Ainda mais depois de *Indiana Jones e Os caçadores da arca perdida*, aquilo sim era filme de verdade! Porém ele não queria magoar o amigo e então tentou trocar de assunto.

— O que vamos fazer na noite de halloween? Pedir doces ou travessuras?

Peter sorriu distraído com o canto da boca. Exatamente aquele sorriso que Thomas já conhecia.

— O que ela disse pra você?

— Como assim? — perguntou Peter, confuso.

Thomas revirou os olhos.

— Todo mundo em Meridiana sabe que depois que conversa com a Marjorie você fica com esse sorriso idiota na cara.

— Vá se foder Thomas!

Thomas cruzou os braços.

— Me diga que estou errado então...

Peter demorou a responder, o que comprovava sua teoria que eles haviam combinado algo. Thomas não hesitou em arriscar um palpite.

— Vai levá-la às docas? Na antiga mina de carvão? No parque? Ou vão ficar sobre o prédio do cinema namorando enquanto olham as estrelas?

Peter fez uma cara de frustração, talvez porque todas as propostas eram melhores do que a feita por ela.

— Vamos à casa dos Comptons.

— Que lugar estranho para se transar com uma garota... — ponderou Thomas com as sobrancelhas arqueadas.

— Não vamos transar!

— Que negativo, Peter... Você tem que ser mais confiante!

O velho Stan passou por eles, encarando a conversa. Se houvesse clientes na loja talvez censurasse Peter, mas quase não havia movimento. No dia das bruxas toda a cidade ficava envolvida com a organização das casas e confecção de fantasias. Os dois acenaram para o proprietário da banca e Peter foi organizar outra prateleira.

— É o Jimmy. Ele vai voltar para a cidade hoje — falou sem olhar para Thomas.

— O Jimmy vem para Meridiana!? Por quê?

Peter parou o movimento, segurando uma revista nas mãos enquanto pensava.

— Não sei... Visitar os pais, talvez? Os amigos?

— Você sabe que ele não quer saber da gente — disse Thomas. — Do contrário não teria ido embora.

— Não condeno ele, Thomas — disse Peter agachado, limpando as revistas das prateleiras mais próximas ao chão. — Acredito que eu teria feito a mesma coisa se tivesse acontecido comigo.

Na praça as vozes se misturavam com os cantos dos pássaros e o farfalhar das folhas das árvores, em uma cacofonia agradável para relaxar. Thomas alcançou algumas revistas para o amigo. Seu melhor amigo.

— Mas se Jimmy estará lá, com certeza você não vai transar. Talvez nem um beijo na sua ruiva você consiga dar.

— Por que você diz isso? — perguntou Peter, lhe direcionando um olhar de dúvida.

— Todo mundo em Meridiana sabe que a Marjorie era apaixonada pelo Jimmy. Com um reencontro desses, a atenção será toda dele.

Peter pensou por um momento. Olhou para Thomas, que lhe alcançou uma pilha de revistas de fofocas, passou o espanador nelas, olhou para o velho Stan, lendo empolgado a ultima edição do *Homem-Aranha*, pensou mais um pouco e por fim deu de ombros.

— Tanto faz. Nós passaríamos sozinhos no parque mesmo... — decretou olhando para Thomas. — Você vem?

— Se vou? — perguntou Thomas retoricamente. — Eu não perderia essa por nada!

31/10/1985 – 22:27

— Peter! — gritou Thomas, com mais ênfase.

Seu melhor amigo estava caído. Com diversos estilhaços de vidro enterrados pelo corpo todo. De longe não era possível ver se estava vivo, ou a gravidade dos ferimentos. As janelas das quais os vidros haviam explodido seguiam batendo freneticamente. Um vento gélido uivante atravessava a sala, fazendo a casa toda gemer em um pranto lamurioso. Parecia prestes a desabar sobre eles.

— Peter! — Thomas chamou novamente, mas o corpo de Peter estava inerte próximo da porta de saída.

— Estou com medo, Mike! Faça parar! — gritou Marjorie.

— Brenda! Brenda! — Kirsty chamava em direção ao buraco

formado no assoalho.

Jimmy estava estático com os dedos no indicador e os olhos arregalados.

— Ashley! — começou Mike, elevando a voz para vencer o som do vento e das janelas batendo. — Não queremos o seu mal! Diga o que quer de nós e nos libere para que possamos socorrer nossos amigos!

As janelas se fecharam em um estrondo violento. O vento cessou. As chamas das velas se estabilizaram. A luz acendeu até metade de sua potência, fornecendo iluminação precária àquele ambiente macabro. Um silêncio angustiante se fez presente até que o indicador começou a deslizar pelo tabuleiro. Novamente foi inevitável não recitar as letras em voz alta.

— V-I-N-G-A-N-Ç-A.

— Vingança! — gritou Jimmy. — Do que ela está falando?

Thomas não estava mais focado no tabuleiro. Olhava constantemente para o seu amigo imóvel no chão. Aproveitou a calmaria momentânea do lugar para ver se ele estava bem. Sem perceber, já havia retirado os dedos do indicador e saído por cima do sofá. Os gritos de seus amigos pareciam ecos, vozes distantes incapazes de chegar ao seu consciente. O tempo pareceu desacelerar dentro daquele corredor.

No caminho até Peter a única coisa que havia era uma mesa, com porta retratos ostentando fotos da família Compton, e duas cristaleiras enormes de madeira, uma de cada lado, repletas de taças e copos. Thomas seguiu pelo corredor em estado de transe. Não saberia dizer se seus amigos ainda gritavam por ele, os gritos simplesmente não chegavam até seus ouvidos.

As janelas à sua direita estavam fechadas, as molduras dos vidros segurando apenas fragmentos pontiagudos do que sobrou das vidraças. Logo à frente estava seu amigo. Seu melhor amigo. Thomas tinha esperança de encontrá-lo com vida ainda.

Agachou-se ao lado dele e a última coisa que sentiu foi o deslocamento de ar antes de a pesada cristaleira cair por cima do seu corpo. Depois disso, tudo ficou escuro.

Marjorie

31/10/1985 – 18:21

Marjorie estava sentada nos degraus de madeira da escada de sua casa, lixando as unhas. Peter estava atrasado. Peter estava sempre atrasado. Para tudo. Seria um homem completamente sem futuro. Talvez morresse igual ao velho da banca, com um sorriso idiota atrás de uma revista de quadrinhos. Para ela isso também não importava muito. Seus dias em Meridiana estavam contados. Havia sido aceita na universidade federal e já estava programando a mudança após o início do ano.

Ouviu passos na calçada e automaticamente ergueu o olhar. Eram crianças que começavam a passear pelas ruas com máscaras e sacos de papel nas mãos, pedindo doces ou travessuras. Marjorie se lembrou da época em que era criança. O grupo de amigos reunia-se todo ano no halloween para infernizar a vida das pessoas da cidade. Não havia opção, apenas travessuras. Jimmy e Mike disputavam constantemente para ver quem fazia a brincadeira mais criativa e o primeiro sempre ganhava.

Ela não pode evitar um suspiro ao se lembrar do grande amor de sua infância. Talvez fosse sua última oportunidade de vê-lo antes de se mudar. Teria que ser uma noite inesquecível.

Quando retornou de seus pensamentos, os meninos já haviam passado. Talvez a falta de decoração na casa onde morava os tenha desencorajado. Seus pais odiavam o dia das bruxas, por motivos que nunca lhe foram revelados. Seu lar destoava dos demais por não ostentar nenhuma das diversas decorações típicas da data. E talvez fosse isso, misturado com a pintura escura, que tornava a casa tão macabra.

Logo Peter apareceu, seguido por Thomas, o que não era surpresa. Ele trazia um pequeno engradado de cervejas. Thomas usava um boné virado para trás, o que provavelmente já fazia parte do corpo. Outro jovem prestes a se tornar um homem sem futuro em uma cidade sem futuro. Passaram pelo buraco onde deveria ter um portão de madeira. Quando os olhares se cruzaram, Peter sorriu e Marjorie tentou conter uma expressão de desprezo.

— Vejo que trouxe seu namorado.

— Oi para você também, Marjorie! — respondeu Thomas, apontando-lhe o dedo do meio.

Marjorie franziu o lábio superior, fazendo um meio sorriso

debochado, e lhe devolveu o gesto.

— Vamos lá, meninas — disse ela enquanto se levantava dos degraus, usando o apoio nas mãos.

Os dois nem responderam, apenas aguardaram que ela passasse entre eles para logo a seguirem. Marjorie aprendeu desde cedo como usar a sua influência feminina sobre os homens. Conquistaria o mundo.

— Marjorie... — Thomas começou a pergunta sem muita certeza. — O Jimmy está mesmo vindo para cidade?

— Parece que sim.

— E ele vai mesmo à casa dos Comptons? — perguntou Peter.

— Com certeza vai.

— Por que ele voltaria até a casa onde a irmã dele morreu? — perguntou Thomas, cético.

Marjorie andava à frente e apenas sorriu com o canto da boca, mesmo que os garotos não pudessem ver.

— Porque Kirsty o convidou.

31/10/1985 – 22:30

— Ai meu Deus! Ai meu Deus! Ai meu Deus! — gritou Marjorie.

— Thomas! Thomas! — Mike chamava em direção à cristaleira caída.

O grande móvel de madeira escondia também o corpo de Peter. Ou talvez fosse a escuridão do local, mas àquela altura dos acontecimentos ninguém saberia dizer. Desde a revelação do nome de Ashley, Jimmy estava atônito, confuso e com medo.

— Ashley, porque está fazendo isso? — perguntou ele com a voz trêmula. — Por que está matando nossos amigos.

O ambiente, que parecia hostil com a presença do espírito da menina, ficou pacífico novamente, como a calmaria que precede a tempestade. Marjorie percebeu então que Kirsty apenas chorava, com os olhos quase fechados e os dedos sobre o indicador.

— Mike... Eu estou com medo... — disse Marjorie.

— Não podemos tirar as mãos do tabuleiro — ele respondeu quase em um sussurro.

— Ashley... — Jimmy jogava o nome no ar, procurando encontrar a irmã em algum dos cantos da casa. Girava a cabeça para todos os lados, em uma tentativa vaga de vê-la se materializando.

— Ashley... — interviu Mike, usando as palavras com cuidado. — Não queremos seu mal. Deixe-nos ir embora, por favor...

O vento intensificou novamente. A lâmpada começou a piscar, como se tentasse chegar à sua potência máxima sem sucesso. As chamas das dezenas de velas apagaram de forma abrupta, e logo voltaram a acender. E assim todas elas de forma intercalada. Metade acendia enquanto a outra metade apagava. O fogo da lareira ficou mais forte, como se sentindo encorajado pela presença da menina.

Marjorie observou os rostos, que ganhavam contrastes de sombra e luz. Os remanescentes estavam apavorados. Mike em especial trazia no rosto uma expressão de surpresa, como se não houvesse imaginado o rumo que as coisas poderiam tomar. O indicador começou a se mover, atraindo os olhares. Os dedos trêmulos acompanhavam o movimento da pequena peça de madeira em formato de coração.

Não.

Kirsty aumentou o choro.

— Nós vamos morrer aqui!

Jimmy estava perplexo e Mike boquiaberto.

— Desculpe, Ashley! Eu sou nova demais para morrer!

Marjorie levantou-se do sofá e saiu correndo para cozinha, na direção contrária dos corpos de Peter e Thomas. Antes de passar pelo marco de madeira, que dividia a cozinha da sala, ela congelou.

— Mas que merda, Majorie! Volte aqui! — gritou Mike.

A garota de cabelos ruivos recuou um passo, e depois outro, hesitante. As luzes contorcidas pela dança do fogo da lareira projetaram sobre a parede uma sombra longa e fina. Uma faca vinha flutuando lentamente, direto da cozinha. Marjorie não podia acreditar em seus olhos.

— Marj... — Jimmy tentou chamá-la, mas pareceu engasgar com a própria voz.

O garoto que ela tanto gostou na infância parecia se importar com ela no final das contas. Mas não havia tempo para pensar nisso. Não havia tempo para mais nada. Antes mesmo de conseguir piscar, a faca veio em sua direção, enterrou-se em seu peito e ela desabou.

Mike
30/10/1985 – 23:37 – Um dia Antes

— Acabamos — declarou Gregory. — O que disse que vai fazer mesmo?

— Faremos um filme — explicou Mike. — Meus amigos e eu.

O homem que ostentava barba e rabo de cavalo sorriu maliciosamente para ele.

— E eles sabem?

Mike deu de ombros.

— Sabem o que devem saber.

— Essa casa já é assustadora o suficiente — disse Gregory. — Nem precisaria dessa parafernália toda. Não me admira que ninguém tenha comprado... Você já ouviu sobre a família que morreu aqui?

Mike não deu créditos às supertições do homem.

— Você vai dar bola para boatos como esse? Logo você que trabalha com efeitos especiais? Esse lance de espíritos não existe.

Gregory avaliou o ambiente macabro ao redor enquanto terminava de esconder os fios.

— Sei lá... Só que morreu muita gente aqui. Não deveria brincar com isso, garoto.

— Greg, você foi pago para preparar a casa, não para me dar conselhos de cigano — disse de forma arrogante. — Agora me explique como funciona.

Gregory o conduziu até um dos sofás, onde o controle ficou escondido na parte de baixo. Testaram cada um dos comandos. A fogueira intensificou as chamas, as velas acendiam e apagavam nas mais diversas sequencias, a lâmpada piscava e alterava a sua potência conforme o regulador e as janelas batiam com velocidade. Tudo estava perfeito. Mike sorria satisfeito, sentado no sofá.

— Como vou controlar sem que vejam meu braço se movendo?

— Espere aqui — pediu Gregory.

Ele foi até o carro e voltou com pacote nas mãos. Desembrulhou com

cuidado, revelando um braço feito de um material macio, parecendo pele de verdade. Mike ficou extasiado.

— Como ele funciona?

Então Gregory o ajudou a instalar no seu casaco. Sua mão segurava alguns cabos por baixo da roupa que faziam movimentos limitados, mas convincentes. Ele puxou o maço de dinheiro e entregou ao homem. Gregory contou as notas e sorriu satisfeito.

— Te desejo sorte com seu filme — disse erguendo o conjunto de cédulas.

— Depois te mostro ele, Greg. Na verdade... Todos verão — decretou enquanto sorria, olhando para o braço postiço.

Saiu da velha casa dos Comptons e foi direto até o seu destino. Pegou uma pedrinha e atirou na janela. Esperou, mas nada aconteceu. Jogou outra e viu um movimento nas cortinas. Logo a janela se abriu.

— O que você quer? — perguntou o rosto sonolento por baixo dos cabelos ruivos.

Mike se aproximou da janela.

— Estou vindo de lá. Ficou perfeito, Marjorie.

Um sorriso se formou sob os lábios carnudos. Um sorriso malicioso. Um sorriso que ele conhecia bem. Ela o chamou com as mãos e ele pulou na janela, entrando no quarto como já tinha feito diversas vezes. Marjorie fechou os vidros e as cortinas enquanto ele esperava deitado na cama. Ela se aninhou ao seu lado, segurando a cabeça com a mão enquanto apoiava o cotovelo na cama.

— Como sabe que ele vai de verdade? Depois que a Ashley morreu, ele literalmente fugiu da cidade.

Mike olhava para o teto, com os braços cruzados abaixo da nuca.

— Kirsty confirmou que ele vai — disse Mike. — Você sabe que ele era apaixonado por ela.

— Só ele? — debochou Marjorie.

Mike revirou os olhos.

— Olha quem fala... Você também era caidinha pelo Jimmy. E olha onde fomos parar... — riu ele. — Somos a escória. Acho que nos merecemos!

Marjorie torceu o nariz reprovando sua observação. Coçou o cabelo ruivo com as unhas compridas enquanto pensava.

— Precisamos de mais gente. Só nós quatro ficará meio... Estranho.

Mike ponderou a sugestão passeando com os olhos pelo teto.

— Você está certa. Fale com o Peter. Com certeza, se ele for, a namorada dele também vai.

— O Thomas? — perguntou Marjorie. — São dois idiotas!

— Sim... Exatamente o tipo de pessoas que precisamos. Você fala com ele?

Marjorie suspirou pesadamente em protesto.

— Sim.

— Ótimo — disse Mike, satisfeito. — Eu também vou levar alguém...

A garota lhe encarou abruptamente.

— Quem??? Alguma vagabunda da torcida?

Mike apenas riu.

— Uma garota sem graça que conheço. Tem uma vida de merda como todos que conheço nessa cidade.

Houve então uma pausa. Um silêncio estranho se instalou no quarto, como se indicasse que cada um estava pensando com muito cuidado no que falaria a seguir. Como sempre, Mike quebrou o clima tenso.

— Gosto quando você sente ciúmes — declarou sorrindo, enquanto rolava seu corpo para cima da garota.

31/10/1985 – 22:30

O corpo de Marjorie estava caído, a poucos passos da mesa de madeira. Quando sofreu o golpe, ela estava de costas para o conjunto de sofás. Tudo o que os três remanescentes conseguiram acompanhar fora apenas um gemido contido para logo em seguida vê-la desabar. Tudo estava correndo conforme ele havia planejado. Kirsty e Jimmy estavam em pânico. A garota não parava de chorar. Seria o melhor filme de todos.

— Ela está morta? — perguntou Jimmy.

Mike ignorou a pergunta.

— Ashley! — chamou olhando para o alto. — Pelo quê você busca vingança? Que mal fizemos a você?

O ambiente permanecia hostil. Velas se apagando e acendendo em uma crescente, a lareira ardia em longas labaredas, a lâmpada seguia

piscando com intensidade e as janelas começaram a bater. Parecia o próprio inferno. Mike só pensava que o dinheiro havia sido muito bem investido.

O indicador começou a deslizar pelo tabuleiro, passeando pelas letras como havia feito antes. Kirsty e Jimmy ignoraram os corpos dos seus amigos ao redor e voltaram a atenção às letras que eram sistematicamente marcadas.

— V-O-C-Ê-F-O-I-E-M-B-O-R-A!

Jimmy arregalou os olhos. Incrédulo, trêmulo, com medo.

— Ashley! Sabe que eu não queria! Eu amo você! Não faça isso com eles! — gritava para os quatro cantos da casa.

Mike teve que se conter para não começar a rir. O braço por baixo do sofá girou o potenciômetro, aumentando ainda mais a “ira do espírito”. A tensão foi crescendo. Ele fingiu estar com medo enquanto deleitava-se com o choro de Kirsty e os gritos de desculpa de Jimmy. Pensou em como aqueles dois idiotas se mereciam.

Agora... o grand finalle, mentalizou Mike, apertando o botão reservado para o clímax.

A mesa foi lançada para o alto com violência. Mike saiu correndo para onde estava Marjorie e os outros dois para o corredor onde estavam Peter e Thomas. A mesa caiu e todas as chamas se apagaram, a lâmpada desligou, as folhas das janelas fecharam e o silêncio recaiu sobre a velha casa dos Comptons. Ficaram em um completo breu.

A risada de Mike foi estrondosa, rasgando o silêncio na escuridão. A lâmpada do teto foi recuperando a potência, iluminando vagarosamente a sala. A lareira retornou com suas chamas, mas agora de forma mais branda. Em um canto do corredor ele viu Jimmy e Kirsty abraçados, completamente apavorados. Seria o melhor truque da história do halloween. Foi magnífico, perfeito. Marjorie levantou-se e acompanhou Mike no deboche.

— Tinham que ver a cara de vocês! — disse Marjorie. — Ashley! Não me mate! — ela zombou, imitando-os.

A cristaleira se moveu. Do fundo dela saiu Thomas, também rindo dos dois. Todos atuaram com maestria, fingindo o apavoramento na hora certa. Muito melhor do que se tivessem ensaiado. Mesmo Brenda, que não estava ciente de toda a brincadeira, agiu da forma que ele esperava.

— Vá se foder, Mike! — Jimmy cerrou os dentes.

Deixou Kirsty chorando e levantou-se com os punhos fechados.

— Vá se foder você, Jimmy! — devolveu Mike. — Queria sempre a

atenção para você. Todos na cidade só queriam saber do Jimmy! Jimmy, Jimmy, Jimmy, Jimmy. Cansei de ser sua sombra. Agora todos vão te ver como o medroso que realmente é.

— Mike... — chamou Thomas de perto da porta.

— O que foi?

— Tem alguma coisa errada com o Peter! Ele não está se mexendo.

— Até pra isso ele demora! — reclamou Marjorie.

— Meu Deus! Ele está morto! Peter está morto!

Mike ficou apreensivo olhando na direção dos dois. Jimmy esquecera a sua raiva e olhava preocupado e receoso. Talvez possa ter pensado que pudesse ser uma sequencia do trote.

— Ajudem! Ele está morto!

Thomas tentava puxar as lascas de vidro enterradas no corpo do amigo, quando de repente uma risada diabólica percorreu o ambiente. Eles procuraram a origem do som e todos os olhares desceram até Kirsty, encolhida na parede com os olhos fechados.

Ela seguiu rindo, elevando sua voz. Apoiou-se nos braços, ficando em pé. As chamas das velas ganharam vida novamente e Mike olhou para o controle em suas mãos, assustado.

— Então você gosta de travessuras, Mike? — perguntou Kirsty enquanto abria os olhos.

Não havia íris ou pupilas, apenas duas órbitas completamente brancas. A garota abriu os braços em um movimento suave e lentamente seu corpo foi saindo do chão, flutuando como uma pluma. Os cacos de vidro que foram espalhados pelo assoalho da sala, começaram a formar um redemoinho ao redor da moça. Marjorie recuou alguns passos. Jimmy ficou atônito e Thomas estava tomado pelo pavor.

Mike tentou responder, mas não conseguiu. Então ela deu uma risada suave.

— Então é minha vez de brincar...

Kirsty

31/10/1985 – 02:14

A noite sempre vinha acompanhada de sonhos estranhos. Lugares abstratos, rostos distorcidos e coisas sem sentido. Tudo começou após a morte de Ashley, como se ver o corpo da sua melhor amiga repousando inerte em uma cama de sangue houvesse pressionado o gatilho que iniciou tudo.

No começo dos sonhos ela estava sempre sozinha em algum local inóspito. Uma praia, uma cidade destruída, um parque de diversões abandonado, um deserto arenoso. Buscava por alguém, chamando pelo que parecia ser horas e horas. Havia uma silhueta no horizonte, de uma menina, mas Kirsty nunca conseguia chegar até ela. Com o tempo ela foi se aproximando, à medida que tudo ao seu redor ficava mais decrépito, com se o mundo que havia criado estivesse à beira de um colapso.

Kirsty passou dias pensando o que poderiam significar os pesadelos, mas suas pesquisas lhe indicaram um processo natural causado pelo trauma. Gostaria de poder desabafar com Jimmy, mas ele foi embora logo após que tudo aconteceu. Em uma noite chuvosa Kirsty sonhou que estava no deserto e uma torrente de sangue surgiu, lavando o solo arenoso. De dentro dela a menina emergiu lentamente em passos calmos e suaves, vindo ao seu encontro. Era Ashley.

Parou na sua frente e estendeu a mão em sua direção. *Eu preciso de uma amiga*, foram as palavras dela. Kirsty não respondeu nada. Apenas levantou sua mão e tocou a da amiga, dando a certeza de estaria sempre com ela. Quando acordou, entre um relâmpago e outro ela via Ashley dentro do seu quarto, velando seu sono. Pensou que sentiria medo, mas sentiu uma tranquilidade da qual nunca havia provado. E desde então os pesadelos nunca mais aconteceram.

Naquela manhã chuvosa, olhando pela janela do quarto, a voz que a acompanharia pelo resto da vida se fez presente pela primeira vez de muitas.

É lindo, não é? Quando chove aqui em Meridiana.

Kirsty ficara assustada e feliz em manter contato com o espírito de sua amiga. Às vezes seus pais questionavam por que conversava tanto sozinha. Com o tempo ela se acostumou com a nova realidade, sentindo-se feliz por ter a companhia de sua amiga.

Deitada na cama, com um braço atrás da cabeça, ela imaginava várias possibilidades para os acontecimentos da noite de halloween. Ela procurou Mike e propôs um reencontro na antiga casa dos Comptons, para fazer uma brincadeira com o tabuleiro ouija, conforme era o desejo de Ashley. O rapaz

topou na hora. Sua amiga invadiu seus pensamentos, como fazia sempre quando queria se comunicar.

Falta pouco agora...

— Sim. Apenas mais algumas horas.

Bom... Esta noite tudo será vingado.

— Não está feliz por poder rever o seu irmão?

A garota não respondeu. Estava focada em seu propósito. Determinada. Após algum tempo de contato entre as duas, ela revelou à Kirsty uma triste verdade: aquele dia na casa dos Comptons não fora um acidente. Ashley havia sido assassinada.

31/10/1985 – 22:35

Kirsty não tinha controle do corpo. Sentia que havia levitado, conseguia ver os rostos apavorados dos seus amigos, mas não era capaz de desferir uma palavra sequer. Mike trouxe o jogo e ela ficou satisfeita que tudo estava correndo conforme elas planejaram. A lâmpada piscava, as velas apagavam, as janelas batiam. Nem ela sabia que Ashley tinha esse poder.

Durante o jogo Kirsty conseguia ver o espírito da amiga andando em volta do círculo formado ao redor da mesa. Estava com a mesma aparência do dia em que morreu. Acariciava um ou outro, sorrindo maliciosamente para ela. A cada contato ela podia notar um arrepio em um dos participantes.

Depois que Peter saiu correndo e o vidro da janela explodiu em sua direção, cravando-lhe cacos por todo o corpo, Ashley se manifestou para ela pela primeira vez. *Menos dois* ela disse. Kirsty ficou apavorada e começou a chamar por Brenda, temendo que a garota, que nada tinha a ver com a vingança, também estivesse morta. Logo após, Thomas também fora assassinado. Ela começou a chorar, sabendo que sua escolha não teria volta.

Depois da queda de Marjorie e da revelação de Mike, ela respirou aliviada achando que todos estariam vivos. Mas não houve tempo para comemorações quando sentiu seu corpo sendo possuído pelo espírito de Ashley, passando a ser uma mera expectadora. E então as palavras saíram de sua boca, sem qualquer comando, em uma voz distorcida.

— Então é minha vez de brincar...

Com um movimento de mãos ela fez com que a lâmpada produzisse o máximo de sua luminosidade para logo explodir diante da potência. A chama da lareira ardeu como o próprio fogo do inferno.

O primeiro foi Thomas. Usando os cacos de vidro que lhe rodeavam, ela os lançou sobre ele, fazendo o garoto ficar preso na parede. Kirsty não conseguia realizar nenhum movimento, tentava desesperadamente falar, mas era apenas uma voz distante na consciência da garota.

Ashley! Não faça isso! São nossos amigos.

A garota a ignorou completamente.

— Então você é o garoto da cristaleira, não é? — disse para Thomas, que tentava se soltar.

A cristaleira foi levantada, como que por mágica, indo de encontro ao corpo do rapaz. O som foi abafado. Uma mistura de madeira se partindo, grito de desespero e ossos se quebrando.

Quando voltou a atenção para os outros, apenas Jimmy estava na sala. Mike subiu as escadas e Marjorie fugiu para cozinha. Sentiu seu corpo deslizando pelo vento, guiado pelo espírito da garota, passando incólume pelos gritos do irmão dela. Kirsty sentia medo. Medo e arrependimento.

Na cozinha, Marjorie chorava encolhida em um canto. Quando a viu, soltou um grunhido manhoso. Kirty tentava se comunicar com o espírito, mas sua consciência era subjulgada pela da garota, garantindo-lhe apenas assistir ao espetáculo.

— Me desculpe, Ashley! — disse Marjorie soluçando, engasgada com o choro. — Por favor, me perdoe!

— Você gosta de facas, não é Marjorie?

Uma a uma as gavetas foram se abrindo, dezenas de faca foram se espalhando pelo ambiente, todas apontadas para a garota ruiva em uma dança macabra. Vendo a cena ela chorou ainda mais enterrando as mãos no rosto em um completo desespero.

— Não! Por favor, não! Não foi culpa minha! Foi o Mike!

— Poupe-me de suas desculpas, doce Marjorie.

Com um movimento de cerrar o punho ela fez todas as facas descerem até a garota, atravessando os gritos arrepiantes de dor. Ao final, Marjorie ficou parecendo uma alfineteira feita de carne e osso. Os olhos inexpressivos fitavam o vazio, denunciando ter presenciado algo além de sua compreensão.

Destinada a acabar com aquilo, Ashley conduziu seu corpo até o segundo andar, levitando sobre os degraus de madeira da escada. Jimmy e Mike estavam em um dos quartos, tentando desobstruir uma das janelas que ela havia trancado com o roupeiro.

— Você não vai fugir de mim! — bradou contra eles, com sua voz horripilantemente destorcida.

— Você morreu, Ashley! Foi um acidente! Deixe-nos em paz! — devolveu Jimmy. — Saia agora do corpo de Kirsty!

Então ela ergueu a cabeça e riu. Uma risada de escárnio.

— Foi um acidente Mike?

Mike, que até então empurrava o roupeiro com vigor, sentiu seus membros congelarem e os pés saírem do chão.

— Jimmy, venha conosco que Mike vai lhe contar uma bela história.

Mike protestava enquanto seu corpo era conduzido pelo ar até fora do quarto. Jimmy os seguiu, relutante sobre o que estava fazendo.

Chegaram até o corredor onde tudo havia acontecido há doze anos. Mike já imaginava e seu rosto estava repleto de medo. Jimmy estava confuso. No corredor havia apenas um grande tapete velho e surrado e alguns retratos.

— Conte a ele Mike! — as palavras saiam de sua boca com ferocidade.

Kirsty sentia os lábios se mexerem, sentia as cordas vocais vibrarem, mas não tinha controle sobre elas. Assistia tudo com uma grande angústia. Mike estava ofegante quando encarou Jimmy nos olhos, mas hesitou ao falar.

— Conte!

Ela fez um movimento com as mãos e o rapaz arrogante se contorceu de dor, acelerando ainda mais a respiração.

— Estávamos brincando de esconder naquele dia — começou com a voz fraca, como se as palavras quisessem lhe escapar antes mesmo que pudesse pronunciá-las. — Fui me esconder no quarto do filho dos Comptons, e, quando pisei no tapete, eu cai. Achei que ia parar lá embaixo, mas vi que havia uma segunda camada...

Jimmy caminhou vagarosamente até o tapete e o puxou. O assoalho de madeira era duplo e o espaço entre eles poderia esconder uma criança. Porém onde antes havia tábuas de madeira alinhadas agora era possível de se ver um buraco. Pequeno o suficiente para passar uma criança.

— Continue! — ordenou Ashley através de Kirsty, girando as mãos

como se estivesse apertando as entranhas de Mike. Ele urrou de dor e decidiu continuar.

— Eu... Resolvi pregar uma peça no Peter. Recoloquei o tapete e o convidei a atravessar o corredor. Ele caiu também. E assim fizemos o mesmo com Marjorie e Thomas. Mas na última vez as madeiras do segundo assoalho cederam. Uma das pernas de Thomas atravessou e por pouco ele não caiu...

Jimmy observava a narrativa de Mike com uma expressão vazia, pois já sabia o desfecho.

— Vocês mataram a Ashley...

— Ela era a mais leve de todos nós! — disse Mike tentando se justificar. — Não pensávamos que ela poderia cair! A madeira deveria aguentar!

— Assassinos! Todos vocês! — Jimmy estava furioso.

— E onde você estava Jimmy? — rebateu Mike, com seu corpo ainda imóvel no ar. — Onde vocês dois estavam!?

Ashley aguardou a confissão de Mike para agir. Kirsty sentia as lágrimas descendo pelas bochechas. Não sabia se eram suas ou de Ashley, mas achava que não poderiam ser da garota. Aquilo já não era mais a Ashley, era algo vil e sem coração.

— E você gosta de brincadeiras de cair, não é Mike?

Suas mãos se elevaram e Mike foi lançado às alturas. Jimmy protestou, mas não pode fazer nada. O corpo do organizador do trote atravessou o forro e o telhado, para depois descer com violência, como uma bala, atravessando a madeira enquanto mergulhava para a morte com um grito angustiante. Quando atingiu o chão, lá embaixo, o som foi de uma fruta podre se partindo sob a força de uma marreta.

Jimmy correu até o garoto. Estava angustiado, sentido o peso da mentira vir à tona, junto com o gosto da vingança. Mas esse era um gosto que ele não provava de bom grado. Quando Ashley conduziu o corpo de Kirsty até os dois. Seu irmão a encarou com um olhar repleto de fúria e desprezo.

— Você já teve sua vingança! Deixe Kirsty e vá embora!

Kirsty sentiu seu corpo descer lentamente até o chão. Pensou que estaria livre de vez do espírito macabro que a havia possuído. Mas para seu terror as palavras saíram de sua boca, repletas de escárnio.

— Já tive mesmo, *irmão*?

Não! Não! Não!, gritava Kirsty em sua consciência, impotente.

Segurou Jimmy pelo pescoço e o ergueu com força sobrenatural. Com um estalar de dedos da outra mão e os dois braços dele se curvaram em ângulos inconcebíveis, quebrando-se completamente. Jimmy urrou de dor.

— Onde você estava, irmão? Onde estava quando precisei?

Ambos começaram a flutuar pela sala, indo em direção às escadas.

— Me desculpe, Ashley... — ele disse em um sussurro lamurioso.

— Eu sei onde você estava... — disse Ashley. — Atrás da escada, se beijando com essa vagabunda!

Outro estalar de dedos e as pernas de ambos se torceram. Kirsty sentiu uma dor excruciante. A pior que sentira em toda sua vida. Depois do segundo golpe, Jimmy já estava quase inconsciente.

Os dois foram atirados no espaço atrás das escadas, onde era usado como antigo closet. Kirsty percebeu a claridade e o calor das chamas da lareira aumentando gradativamente.

Se me matar, você também morre!

Sentiu um embrulho no estômago e algo gélido subir por sua garganta. Involuntariamente sua boca se abriu, expelindo um espectro gelado e viscoso, que se deslocou rodopiando pelo ar até o buraco próximo à mesa de madeira onde usaram o tabuleiro. Seus sentidos voltaram, acompanhados da dor pungente vindo de suas pernas quebradas. Ela não pôde evitar um grito aflito e agudo.

Estava sentada no chão, escorada na parede áspera de madeira, com Jimmy ensanguentado e quase morto em seus braços. Começou a chorar enquanto o acariciava o rosto do rapaz que tanto amou. Era tudo culpa sua.

O calor se intensificou e ela viu que as chamas da lareira haviam se espalhado e começavam a queimar a casa inteira. Do buraco no chão um corpo esguio surgiu, caminhando lentamente na direção deles. Era Brenda. Mas estava com os olhos completamente brancos.

— Ashley... Salve Jimmy. Por favor! Ele não teve culpa de nada!

Ela apenas sorriu.

— Ele tem sim! Todos vocês são culpados! E você foi tola o suficiente para confiar em mim. Sua mãe nunca lhe disse para não brincar com espíritos?

Com um sorriso debochado ela fechou a porta do closet, trancando os dois ali dentro. Pela fresta entre as madeiras Kirsty a observou a caminhar pela sala com passos confiantes até a saída, enquanto o fogo aumentava,

consumindo toda a casa.

Brenda

01/11/1985 – 05:23

Acordou em um salto na sua cama, sem saber como havia parado ali. Não se lembrava de nada do que aconteceu no dia anterior, após brigar com a sua madrasta por não ter lavado a louça.

Olhou no relógio. Era madrugada. Sua cabeça estava um pouco zonza, mas fora isso não sentia nada além de um desejo insaciável de matar sua madrasta. Talvez até seu pai.

Caminhou até a janela e abriu a cortina. Estava chovendo torrencialmente. As gotas rolavam pelo vidro e os relâmpagos iluminavam a rua e todas as casas à sua volta. Ela adorava a chuva.

Sentiu um toque frio em seu ombro. Instintivamente olhou para ele, mas não havia nada. Quando voltou sua atenção para a chuva através da janela, ouviu uma voz doce de garota no interior da sua mente.

É lindo, não é?

AGRADECIMENTOS

Nos outros três contos eu deixei passar em branco, mas não poderia cometer o mesmo erro nesse. Há muitas pessoas a quem eu preciso demonstrar minha gratidão. Especialmente no que se refere aos contos.

Gostaria de começar pelas minhas amigas Aline Goettems e Andressa Silveira, minhas betas, que me incentivaram muito para começar a escrever contos. À primeira eu devo grande parte do sucesso da minha página no instagram e por ter me ajudado com capas, revisão e diagramação dos outros contos, coisas que só não aconteceram nesse devido à problemas de saúde. À segunda eu devo grande parte do meu sucesso como escritor, pelo incentivo incansável e inesgotável. Vocês duas são muito especiais.

À minha esposa Cheila Macedo, por toda a paciência nas noites que passo em claro escrevendo e por ter se ajustado para entrar nesse meu mundo maluco da escrita. Seu apoio é muito importante para mim.

A todos os meus parceiros de instagram. Não quero citar todos os nomes com medo de esquecer algum, mas no caso dos contos há alguns que merecem destaque. Ao meu amigo Igor Paiva pela empolgação e paciência de

criar essa capa fantástica que diz muito sobre o conto. À minha amiga do Piauí, Lara Borges, pelas dicas sobre o Kindle Unlimited que permitiram que os contos atingissem um número maior de pessoas. E a todos os outros um muito obrigado pelo carinho, dedicação e empolgação. Sem vocês eu não chegaria onde estou agora e nem teria condições para ir mais longe.

À minha família e amigos por acreditar em mim. E a Deus, por me abençoar constante e incansavelmente. Devo tudo a ele.

E por fim, mas não menos importante, a você leitor. Muito obrigado por adquirir essa obra e apoiar a literatura nacional. Nós autores escrevemos nossas histórias com muita dedicação, com o intuito de trazer experiências fantásticas para vocês. Que Deus sempre o abençoe!

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

Se você gostou desse conto, confira também:

A CEIA

O NECROTÉRIO

O ESPANTALHO

Todos disponíveis na Amazon e no Kindle Unlimited.

REDES SOCIAIS DO AUTOR

Caso tenha interesse, pode conferir mais da minha obra nas páginas de instagram abaixo:

@ascronicasdoapocalipse

@marcio_c_pacheco

Avalie o conto se puder, será muito importante para me ajudar a seguir nesse caminho.

Até a próxima história!